

USOS E ABUSOS DO TERMO “PESSIMISMO” EM FILOSOFIA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES PARA UMA PROPOSTA DE DISTINÇÃO¹

Vilmar Debona

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Resumo: O artigo problematiza os usos abusivos do termo “pessimismo” em Filosofia como reflexo de usos banalizados do senso comum. Para tanto, debate sobre em que medida, para qualificá-lo como substantivo, o adjetivo “filosófico” precisaria ser empregado como sinônimo de “crítico” em sentido amplo, sem filiação prévia a escolas específicas, como à da teoria *crítica*. Essa medida permitirá uma diferenciação elementar em relação a pessimismos “acríticos” como mera referência a estado de ânimo, a espírito de época, e de cunho *estritamente* subjetivo. Premissas basilares de Schopenhauer – assumido como primeiro pensador da modernidade a construir um sistema filosófico de pessimismo *como crítica* (a) do sofrimento e (b) do otimismo como visão falsificada desse mesmo mundo – são postas em debate para uma proposta de distinção de três categorias de empregos do termo: (1º) usos crítico-filosóficos *stricto sensu*, (2º) usos crítico-filosóficos *lato sensu* e (3º) usos acríticos.

Palavras-chave: Pessimismo, pessimismo crítico, pessimismo acrítico, Schopenhauer, sofrimento, mal.

Abstract: The article problematizes the abusive uses of the term “pessimism” in Philosophy as a reflection of its trivialized uses in common sense. To this end, it discusses to what extent, in order to qualify it as a substantive concept, the adjective “philosophical” would need to be employed as a synonym for “critical” in a broad sense – without prior affiliation to specific schools, such as that of critical theory. This approach would allow for a basic differentiation from “uncritical” forms of pessimism understood merely as a state of mind, a spirit of the age, or a *strictly* subjectivist attitude. Fundamental premises of Schopenhauer – considered the first modern thinker to construct a philosophical system of pessimism *as a critique* (a) of the suffering and (b) of the optimism as a falsified vision of this same world – are brought into discussion in order to propose a distinction among three categories of uses of the term: (1) critical-philosophical uses *stricto sensu*; (2) critical-philosophical uses *lato sensu*; and (3) uncritical uses.

Keywords: Pessimism, critical pessimism, uncritical pessimism, Schopenhauer, suffering, evil.

¹ Este trabalho recebeu apoio da CAPES por meio de bolsa CAPES/Print da UFSC (processo 88887.912532/2023-00) e do CNPq por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa/PQ-C (processo 311785/2025-5).

I

“Pessimismo” é um dos termos mais controversos do vocabulário filosófico e cultural, banalizado e reduzido com facilidade. Se de tempos em tempos o vocábulo adquire uma popularidade significativa, ou volta a estar na ordem do dia, os tempos hodiernos já podem ser considerados representativos para tanto – em debates e produções acadêmicas, ou na produção cultural em geral. As dificuldades em precisar razões desses interesses crescentes pelo tema não parecem ser menores em relação a casos do passado, em que debates em torno de significados de “pessimismo” se sobressaíram na cena filosófica, mas sem, até hoje, lograrem uma explicação objetiva e clara dos porquês daqueles interesses. Se são razões de fundo filosófico e teórico prévio, ou se a Filosofia apenas se vê ante um objeto – expresso num termo – (re)carregado de sentidos culturais e populares, assim como usados pela linguagem ordinária de forma difusa e sem tanto critério para se referir a determinados fenômenos, a compreensão disso, se um dia for possível, certamente demandará muito tempo e esforço. O fato é que, em nossos dias, “pessimismo” é cada vez mais empregado, filosoficamente ou não, em referência a questões existenciais e sociais relativas a catástrofes diversas, a um possível colapso planetário, à impossibilidade de futuro sinalizado pela emergência climática, e, diante disso, a ansiedades, desânimos e depressões, em especial da juventude.

Mas, se é assim, não se trataria apenas da reedição de uma velha questão, a saber, da redução de pessimismo a mera “expectativa ruim” – e de otimismo a “expectativa boa” – em relação a eventos futuros e, nesse caso, em relação *ao próprio futuro*? A novidade percebida atualmente não consiste tanto no emprego abusivo do termo em geral, em muitos casos sem qualquer justificativa ou sem justificativas demoradas em Filosofia². A relativa novidade se mostra na medida em que, nos últimos tempos, expressões como “colapso global”, “impossibilidade de futuro” ou “falta de esperança no futuro” apropriam-se do termo sem mais. A título de exemplo, podemos mencionar o caso de teses dos chamados antinatalismo³ e catastrofismo⁴, que se apropriam

² Nota-se, por exemplo, um considerável surgimento de novas obras das mais diversas correntes e escolas filosóficas ao redor do mundo que trazem o termo “pessimismo” em seus títulos, atribuindo a ele as mais diversas e irrastráveis conotações, mas sem muita preocupação em especificar a que tipo de pessimismo, ou a qual pessimismo, se referem. Ou seja, “pessimismo” ajuda a intitular diferentes obras, a expressar teorias de diferentes correntes e áreas, sobre diferentes temas, mas parece empregado para dizer uma só coisa.

³ Cf. Benatar, em seu *Better never to have been: the harm of coming to existence* (2006). Ainda será preciso mostrar em que medida o próprio Benatar, como autor da mais expressiva proposta de

de “pessimismo” como se, desde sempre, fossem sinônimos naturais e óbvios. Sem a pretensão de desenvolver aqui esses tópicos específicos, o primeiro (antinatalismo) pressupõe uma sintonia direta com pessimismo por meio de uma das mais conhecidas divisas metafísicas desse último, a de que “é melhor não-ser do que ser”, ou de que “a inexistência é preferível à existência”; já o segundo (catastrofismo), assumido tanto como corrente geológica sobre eventos catastróficos do planeta quanto como noção da psicologia sobre previsões de desfechos negativos para determinada situação, em vista do que se *imagina* sempre “o pior” a acontecer (SCHMITT, 2023), pressuporia consonância com pessimismo por meio do próprio radical latino que permite o substantivo: pessimismo é a substantivação de *pessimus*, “o pior”. Com esses tipos de associação, se assume e se renova indiretamente, também, a pecha de que é incompatível ser pessimista e ter esperanças, uma premissa cultural que então é alojada em terreno filosófico sem maiores explicações em relação a diferenças de seus empregos pelo senso comum⁵. Afinal, por que o pessimismo não poderia ser, também, uma noção ou um método filosófico que ajudaria, pela crítica de que é capaz, a *evitar* o pior?

Ao mesmo tempo, contamos, hoje, com uma crescente produção filosófica sobre pessimismos como *filosofias historicamente situadas* e sobre suas mais diversas relações com temas canônicos e atuais da Filosofia. Notamos uma espécie de “redescoberta filosófica” de tradições pessimistas, em especial da produtiva “controvérsia do pessimismo” (*Pessimismusstreit*), ocorrida na Alemanha, na segunda metade do século XIX, especialmente entre 1860 e 1890. Esse tipo específico de “redescoberta do pessimismo”, que não deveria ser confundido ou simplesmente igualado àquele outro tipo de “renascimento” aludido acima, move-se, em geral, a partir de um amplo consenso: de que Arthur Schopenhauer foi o primeiro sistematizador do pessimismo *como* um conceito crítico-filosófico, “controvérsia” composta por nomes como Eduard von Hartmann, Agnes Taubert, Olga Plümacher, Julius Bahnsen, Phillip

antinatalismo da atualidade concebe suas teses como uma espécie de pessimismo, em sintonia com algum pessimismo filosófico, ou, pelo contrário, como noções divergentes. Já temos contribuições, inclusive brasileiras, que problematizam essas questões, como a de Dossena (2023) e a de Oliveira (2024).

⁴ A Revista *Voluntas* publicou, em 2024, um Dossiê em que uma diversidade de autores debatem uma variedade de sentidos e horizontes de catástrofe e catastrofismo (cf. PITTA & WEBER, 2024).

⁵ Não é raro nos depararmos com dissertações de mestrado e teses de doutorado (em Filosofia, mas também em outras áreas, principalmente na grande área de Humanidades) dedicadas a “pessimismos”, ou “ao pessimismo” de forma genérica, que sequer consideram produções bibliográficas ou o “estado da arte” de debates acadêmicos em torno do pessimismo como conceito filosófico e crítico.

Mainländer etc⁶. Esses autores e autoras, com suas propostas não circunscritas a questões metafísicas, permaneceram relegados como grupo excêntrico, à sua época contestado pelo neokantismo, pelo menos até o final da segunda década do presente século. A pergunta, então, retorna: também essa variável de renascimento de interesse pelo pessimismo terá sido motivada fundamentalmente pelas novas e inusitadas catástrofes globais, incluindo as pandêmicas, atualizadoras do “pior” em plena era hipertecnológica de progressos inauditos? Ou então pelas novas guerras de extermínio, reestruturação geopolítica e bélica, e incapacidade de acabar com a miséria planetária?⁷ Considerar essa explicação implicaria, dentre outras admissões fortes, admitir que vivemos um *Zeitgeist*, um “espírito de época” apropriado e – para usar novamente a generalidade que deveria ser evitada e combatida – condizente com “o pessimismo”. Admitiríamos que há tempos favoráveis “ao pessimismo”, outros favoráveis “ao otimismo”.

De qualquer modo, já faz tempo que se usa “pessimismo” em Filosofia, sem mais, como um termo óbvio, e atualmente esses usos são crescentes. Por um lado, em geral refere-se ao termo sem qualquer preocupação em indicar de *qual pessimismo* se trataria, o que arrisca fazer da Filosofia, para esse caso, um campo parcialmente acrítico, de mera reprodução de usos genéricos e vagos do senso comum, o que impossibilita também o rastreio das semânticas que se quer atribuir a cada uso. Por outro lado, fala-se já em “novos pessimismos” ou em “pessimismos contemporâneos”, sem que os muitos pessimismos filosóficos “do passado” tenham sido escrutinados,

⁶ Tratou-se de uma extraordinária recepção crítica da obra do pensador da vontade na Europa mediante uma *Pessimismus-Frage*, em boa parte relativa também a questões sociais, acompanhada por recepção semelhante em meios literários e filosóficos ao redor do mundo. Vários de seus autores são reconhecidos também como membros da Escola de Schopenhauer *lato sensu*, como Eduard von Hartmann, Olga Plümacher, Agnes Taubert, Julius Bahnsen e Philipp Mainländer; uma “comunidade” responsável por debates acirrados e publicações expressivas de livros e artigos sobre pressupostos fundamentais (metafísicos, ontológicos, morais, eudemonológicos, sociais etc.) do pessimismo em relação ao otimismo filosófico. Naturalmente este artigo não pode abarcar uma consideração ampla das propostas de elaboração de pessimismos pelos personagens dessa *Pessimismusstreit*. Pressupomos, no entanto, a variedade rica e densa daquelas propostas, notadamente a sistematização do pessimismo proposta por Eduard von Hartmann, com seus critérios próprios e um pessimismo empírico que supõe um otimismo consequencial. Mas também as obras, que dialogam com Hartmann e Schopenhauer, de Julius Bahnsen, Olga Plümacher, Agnes Taubert etc. (Cf. *La scuola di Schopenhauer: testi e contesti*, 2009; e F. Ciraci, D. M. Fazio, M. Kossler (Hrsg.). *Schopenhauer und die Schopenhauer-Schule*, 2009).

⁷ Atestados incontestáveis desse “renascimento” de estudos sobre pessimismo historicamente delimitado como conceito filosófico são - além de iniciativas pontuais de Centros de Pesquisa da Itália, da Alemanha e dos Estados Unidos - as recentes criações por colegas pesquisadores mexicanos de uma revista intitulada *Cuadernos de Pesimismo*, de uma Sociedad Iberoamericana de Estudios sobre Pesimismo, e de uma coleção de livros com traduções inéditas de uma variedade de títulos da referida “controvérsia” do século XIX.

assimilados, ou recebido a devida atenção. Não há, assim, compromisso – e seria difícil exigir que houvesse por essa ou por aquela razão – com as premissas, metafísicas ou não, que estabeleceram o termo “pessimismo” na história dos conceitos. E, sem que precisemos reivindicar consideração específica para a filosofia schopenhaueriana como pioneira do pessimismo filosófico na história, também são ignoradas aquelas “heréticas” em relação a ela, que, se não fosse assim, poderiam contribuir com suas variadas fundamentações.

II

Isso posto, seria salutar considerarmos elementos dos “inícios” do termo. Afinal, quando e em qual contexto surgiu o vocábulo “pessimismo”?

Trata-se, de fato, do substantivo de *pessimus*, “o pior”, que, na seara filosófica, começou a ser empregado como *neologismo* contestatório do otimismo – substantivo de *optimum*, “o melhor” – dos pensadores do “melhor dos mundos possíveis”, em especial de Leibniz, Pope, Shaftesbury e Wolff. Portanto, aproximadamente ao final do século XVII. Não há, porém, unanimidade e precisão quanto a seus primeiros usos na história, pois há, também, a indicação de seu surgimento somente na segunda metade do século XVIII pela acusação de jesuítas ligados à *Revue de Trévoux*⁸ a Voltaire, devido à crítica sarcástica do autor de *Cândido ou Otimismo* ao “melhor dos mundos” da teodiceia leibniziana (GÁMEZ, 2023, p. 31). Outras fontes atestam o seu primeiro emprego pelo escritor e cientista Georg Christoph Lichtenberg⁹, bem como o início de sua popularização na primeira metade do século XIX, a partir de 1815, em magazines e jornais britânicos, para designar “espírito de insatisfação”; e que apenas a partir da década de 1820 foi registrado em dicionários [cf. STÄGLICH (1951/1952), SÁNCHEZ (2017), FREITAS (2024)]. Daí que, para evitarmos anacronismos, seria menos inapropriado considerarmos como “pessimistas” filosofias de épocas anteriores à existência do termo “pessimismo”, assim como culturas e religiões milenares, por exemplo, da Índia, da África, das Américas, da Grécia e da Roma Antigas; a

⁸ Também chamado de *Journal de Trévoux*, formalmente *Mémoires pour l'Histoire des Sciences & des Beaux-Arts*, mas frequentemente referido como *Mémoires de Trévoux*, foi um periódico influente que apareceu mensalmente na França entre janeiro de 1701 e dezembro de 1782. Era conhecido por apoiar as teses de Leibniz e por considerar Voltaire um inimigo, assim como todos os críticos da religião, em especial da ortodoxia católica.

⁹ Em um manuscrito de 1776, nos deparamos com a seguinte elaboração: “Alguns com seu otimismo, outros com seu pessimismo” (LICHTENBERG, 1994, p. 495).

rigor, seria inapropriado estudá-las como fundamentadoras de um sistema ou de uma visão de mundo conscientemente sustentadas em torno da noção de um “pessimismo”¹⁰.

Quando lançamos um olhar retrospectivo para períodos de destaque quanto a usos do termo “pessimismo” nos últimos séculos – sejam seus primeiros registros do final do século XVII, sejam do século XVIII –, é seguro afirmar que ainda não houve um período histórico mais importante, intenso e representativo de usos mesclados do que aquele referido final do século XIX alemão. Em especial no período de 1860 a 1900, na Alemanha, o uso do termo “pessimismo” tanto como “estado de ânimo” quanto como “espírito de época”, como *Zeitgeist*, contou inclusive, conforme investiga Beiser (2016), com um outro nome para ajudar a expressá-lo, o chamado *Weltschmerz*. Em tradução literal significa “dor do mundo”, ou “dor do mundo que sofre”, como sugerem versões neolatinas¹¹, e costuma-se reconhecer que foi cunhado pelo escritor Jean Paul (ou Johann Paul Friedrich Richter) para designar uma época sombria e pesarosa; literalmente, um tempo de “dor do mundo”.

Ou seja, naquele período de grande produção filosófica e literária, um outro termo fez par com “pessimismo”, o que bem poderia ser compreendido como reforço sintático para uma mesma semântica, isto é, para expressar um sentido que “pessimismo” já exprimia, mas cuja etimologia sempre confundiu e complicou justamente devido ao radical *pessimus*. Esse sentido se refere ao conteúdo do *pessimus*. “Pior” em relação a que? Filosoficamente, inclusive pela referida contestação de teodiceias, sempre esteve implícita a ideia de que seria em relação “ao conteúdo geral do mundo”, reconhecido pelo pessimismo no mal, na dor e no sofrimento, ao invés de ser no bem e na felicidade, como pressupunha o otimismo. Nas dimensões populares, porém, torna-se mais difícil assegurar esse esforço interpretativo que o termo exige para não ser distorcido em relação a seus usos originários como negação do otimismo, o que equivale a dizer: como crítica do otimismo filosófico. Em outros termos, *Weltschmerz* ajudaria sobremaneira o *Pessimismus* a dizer o que pretendia. Ainda mais quando consideramos que, como registra Beiser (BEISER, 2016, p. 13), naquela segunda metade do século XIX o pessimismo “se tornou moda e foi o debate do povo, assim como o tema dos salões literários”.

¹⁰ Essa premissa foi sustentada de diferentes formas por pelo menos dois representantes da chamada “Escola de Schopenhauer”: por Olga Plümacher e por Max Horkheimer. Refiro-me, respectivamente, ao livro de Plümacher *Der Pessimismus in Vergangenheit und Gegenwart*, de 1884, e ao artigo de Max Horkheimer *Pessimismus heute*, de 1971, publicado originalmente no *Schopenhauer-Jahrbuch* e traduzido recentemente para o português na Revista *Voluntas*.

¹¹ Cf. F. Burgos, S. Bonilla, A. García (2022), em sua tradução da obra de Beiser (2016) para o espanhol.

Algo notável é que, assim como *Pessimismus*, *Weltschmerz* não é originariamente um termo da Filosofia. Ainda que tenham ido para a Filosofia após serem amplamente objetos da literatura e das artes¹², poderíamos reconhecer que ambos estavam “na boca do povo” antes de serem objetos filosóficos. Essa constatação é especialmente relevante para nossa questão, pois então poderíamos considerar a hipótese historiográfica de que, por pelo menos duas vezes no mundo “ocidental moderno”, o termo “pessimismo” e seus sinônimos foram tratados filosoficamente, inclusive como sistemas de pensamento, somente após serem amplamente usados cultural e popularmente. As duas ocasiões históricas se refeririam (1ª) ao mencionado período de surgimento e popularização do termo, no final do século XVII e ao longo do século XVIII, entre França, Inglaterra e Alemanha, e (2ª), com maior repercussão, ao longo do século XIX na Alemanha, em especial na segunda metade daquele século, com a referida *Pessimismusfrage*. Serão os tempos atuais, devido aos elementos considerados no início, configuradores de uma terceira ocasião desse mesmo tipo de acontecimento?

De qualquer modo, é flagrante perceber que, mesmo com (e a partir de) seu surgimento em vista de contestação *filosófica*, desde seus primeiros registros sempre houve quem assumisse “pessimismo” como expressão de mero subjetivismo ou psicologismo, como “estado de ânimo”, humor pessoal que denota tristeza, fastio, desânimo, desesperança. Esses usos mesclados e não delimitados foram, como se percebe, estendidos sem mais às esferas social, política, econômica, como humor interpessoal, comunitário, nacional; ou mesmo como “espírito de época”. Ou seja, se é verdade que, ao longo dos últimos séculos, “pessimismo” passou a ser muito mais usado na esfera popular e pelo senso comum do que internamente a teorias e sistemas filosóficos, também é verdade que, em geral, seus usos sempre foram mesclados, com fronteiras borradas e dificilmente distinguíveis. Ou seja, âmbitos filosófico, literário, artístico, sociológico, econômico e político parecem sempre ter formado um mesmo estofo cultural, de cultura – mais ou menos popular – em torno do termo.

Em outros termos, das considerações feitas até aqui, é possível destacar três constatações:

1. O predomínio do emprego do termo teria se dado *antes* nos âmbitos da literatura, das artes e do convívio humano em geral, para só posteriormente ser apropriado pela Filosofia, como objeto ou como método

¹² Não por acaso, dicionários como o *Sachwörterbuch der Literatur*, de von Wilpert (1969, p. 565), quando definem “pessimismo”, elencam primeiro uma série de nomes das artes e da literatura, para somente depois referenciar obras e autores da Filosofia.

filosófico; a condensação de todos os elementos que ele foi agregando historicamente poderia ser expresso, inclusive, pelo que se costuma chamar de pessimismo cultural (*Kulturpessimismus*), termo cujo emprego também já contou com épocas de destaque.

2. Nunca houve exclusividade de seu uso técnico-filosófico, mas sempre uma mescla de (i) usos filosóficos como conceito sobre o predomínio e a positividade do mal e de seus sinônimos em relação ao bem (BEISER, 2016), isto é, para designar os conteúdos do “pior dos mundos possíveis” em relação àqueles do “melhor dos mundos possíveis”, com (ii) usos para designar humor pessoal desacreditado e tendência em ver apenas o lado obscuro da vida. A ambivalência do pessimismo o acompanha, portanto, desde sua pré-história. Como elabora Sánchez (2017, p. 49), “el pesimismo fue entendido, por una parte, como una disposición *psicológica*, como una inclinación del temperamento, como una *Stimmung* melancólica; en definitiva, como *Weltschmerz*. Por otra parte, el pesimismo fue comprendido como un determinado modo de pensar filosófico declaradamente *opuesto al optimismo leibniziano*” (SÁNCHEZ, 2017, p. 49).

3. A criticidade do pessimismo residiria, antes de tudo, no fato de se tratar de uma filosofia, antes ainda de poder ser usado em sentidos específicos de tradições críticas, como o fez, no século XX, a Escola de Frankfurt para a sua Teoria Crítica¹³. E a primeira filosofia, como tal, foi a de Schopenhauer, o que torna assertivo reconhecer no pensador da vontade sem-fundamento “o primeiro sistematizador do *pessimismo filosófico moderno*” (PLÜMACHER, 1884), ou seja, o primeiro a construir (se não exatamente um sistema) *uma filosofia do pessimismo*, ainda que de forma mais implícita do que explícita e declarada com esses termos. Depois dele, e muitos inspirados nele – como, para mencionar apenas os mais conhecidos da chamada “Escola de Schopenhauer”, Eduard von Hartmann, Julius Bahnsen, Phillip Mainländer, Friedrich Nietzsche, Max Horkheimer, dentre outros – também construíram suas próprias filosofias do pessimismo, alargando seus horizontes e dinamizando seus objetos.

Não é correto, portanto, reivindicar uma única e autêntica filosofia do pessimismo, ou uma única filosofia do pessimismo como conceito crítico-filosófico, mas é seguro e necessário reconhecer a filosofia schopenhaueriana como a primeira filosofia a usar o termo “pessimismo” para tratar, com ele, dos problemas filosóficos que tratam. Claro que podemos reconhecer na Grécia Antiga, no Egito, na África, nos povos originários das Américas, na Índia e no Oriente em geral, tratamentos, compreensões e concepções

¹³ Cf. Horkheimer (2018), Schmidt (2021), Horkheimer (2025), Debona (2025).

pessimistas ou de pessimismos – inclusive em sentido schopenhaueriano, pois muitas dessas culturas foram suas fontes primárias –, mas o termo ainda não existia.

Aliás, a constatação elaborada acima de que a Filosofia apenas se dedicaria a elaborar, em termos de conceitos abstratos e decantados, o que antes a realidade empírica ou as expressões e sabedorias populares já portam, detém um significado particular quando consideramos Schopenhauer como esse pioneiro. O mencionado escritor que cunhou o termo *Weltschmerz* (Jean Paul) era seu contemporâneo, assim como os mencionados primeiros registros do termo *Pessimismus* em dicionários seriam da mesma época (década de 1820) em que o filósofo da vontade concebia sua obra principal, *O mundo como vontade e representação**, escrita entre 1814 e 1818. O dado é de alta relevância por se tratar justamente do filósofo que sempre reivindicou como tarefa primordial da Filosofia a de decifrar e fixar *in abstracto* o “enigma do mundo” intuído *in concreto*, sem apelar para conteúdos que não sejam imanentes a esse mundo. Definições conceituais deveriam partir sempre de intuições, considerando “tudo o que o vasto conceito de *sentimento* abrange e meramente indica como saber negativo, não abstrato, obscuro” (SCHOPENHAUER, W I, p. 137), para elevá-lo a um saber permanente, como “espelhamento do mundo em conceitos abstratos” (SCHOPENHAUER, W I, p. 137-138), o que faz da Filosofia uma ciência *em direção a* conceitos, ao invés de um saber *a partir de* conceitos. Isso teria se dado, inclusive, para o caso da definição e fundamentação de seu conceito de pessimismo.

Onde, então, ele está formulado e com quais termos?

Como o próprio autor registra (SW, *Briefwechsel*, p. 393), seu pessimismo cresceu no período da escrita do Tomo I de sua obra principal, *O mundo como vontade e representação*, portanto, entre 1814 e 1818. No entanto, podemos considerar que somente no Capítulo 46 do Tomo II (*Ergänzungen*) daquela obra, de 1844, é que a definição será explicitada, na medida em que é firmada explicitamente contra as teses do otimismo leibniziano do “melhor dos mundos possíveis”. Ali, finalmente, conseguimos reconhecer uma exposição mais didática e direta de quais seriam algumas premissas básicas desse pessimismo crítico-filosófico em sentido estrito. Não por acaso, essa explicitação encontra-se num capítulo intitulado *Da vaidade e do sofrimento da vida*, vida que, pelas suas “contrariedades de cada hora”, seria “um negócio que não cobre os custos do investimento” (SCHOPENHAUER, W II, p. 684).

* Serão utilizadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Schopenhauer: W I (*O mundo como vontade e como representação*, tomo I), W II (*O mundo como vontade e como representação*, tomo II), SW (*Sämtliche Werke*).

Como elementos fundamentais a pesarem para esse cálculo estão o da “negatividade de toda satisfação, logo, de todo prazer e de toda felicidade, em oposição à positividade da dor” (SCHOPENHAUER, W II, p. 686), assim como a ideia de que “a mera existência do mal decide a questão” (SCHOPENHAUER, W II, p. 687). Mal que, tal como a dor e o sofrimento, é positivo, tem estatuto ontológico e epistemológico próprio, isto é, não é apenas negação do bem (cf. GIACÓIA Jr., 2018, p. 17 e ss.). E sua mera existência, que então, considerado metafisicamente, independe da constatação de se há mais bens ou mais males no mundo (embora essa constatação reforce a tese defendida), “decide a questão” no sentido de que jamais poderá ser saldado ou compensando por algum bem derivado colateralmente de tal mal, ou posterior a ele. O veio altamente crítico dessa metafísica imanente do sofrimento enquanto um pessimismo (filosófico) é arrematado por Schopenhauer nos seguintes termos: “pois, que milhares de pessoas tivessem vivido em felicidade e delícias, jamais suprimiria a angústia e tortura mortal de um único indivíduo (...). Se, portanto, os padecimentos fossem cem vezes menores do que são hoje sobre o mundo, ainda assim a mera existência deles seria suficiente para fundamentar (...) que a sua inexistência (do mundo) seria preferível à sua existência” (SCHOPENHAUER, W II, p. 687-688). É basicamente nesses termos que, de início, “o pai do pessimismo moderno” fundamenta filosoficamente o pessimismo, antes apenas cultural e literariamente fundamentado.

Daí a justificativa para a proposta de que, em Filosofia, se tivermos apreço pela História (da Filosofia) e mesmo pela chamada *Wirkungsgeschichte*, o termo “pessimismo” seria empregado *stricto sensu* apenas se com ele nos referíssemos a um problema de tipo schopenhaueriano ou à filosofia de Schopenhauer, ou a questões debatidas por ela que depois foram continuadas, com seus estatutos próprios, por seus discípulos e intérpretes, ortodoxos ou heréticos. Não se trataria de sequestrar o pessimismo filosófico, tão nuançado e semanticamente produtivo, mas de chacoalhá-lo de seus usos abusivos, que o relativizam tanto a ponto de banalizá-lo – impossibilitando, inclusive, a distinção de seus usos filosóficos em relação a seus usos acríticos.

III

Mas, como seria igualmente reducionista exigir que esse grande problema dependa necessariamente de uma questão schopenhaueriana, seria razoável pensarmos uma diferenciação mais alargada de pelo menos três

categorias de usos do pessimismo *em vista da Filosofia*¹⁴, duas críticas e uma acrítica, que gostaria de propor da seguinte forma:

1. Usos *crítico-filosóficos stricto sensu*, para filosofias de pessimismos que foram construídos histórica e originariamente, na modernidade, como oposição crítica às teses do otimismo filosófico, ou para aquelas filosofias de pessimismos posteriores e da contemporaneidade que mantém e atualizam pressupostos daqueles pessimismos modernos. Para tanto, precisariam assumir, dentre seus pressupostos básicos, o da positividade do mal e do sofrimento, seja qual for a aceção ou a versão (metafísica, moral, social etc.) dos conceitos de mal e de sofrimento, e, por conseguinte, o da negatividade do bem e da felicidade. Podem ser de cunho estritamente schopenhaueriano, interno à obra de Schopenhauer como o primeiro pensador a justificar filosoficamente uma contestação frontal ao otimismo em termos de pessimismo, ou interpretações – ortodoxas ou heréticas – da sua obra, ou influenciados de alguma forma por ela, como o fizeram diversos pensadores, de diversas correntes filosóficas. Contariam aqui, em especial, os autores e as autoras que, mesmo radicalmente divergentes quanto a muitos pressupostos, são agrupados sob a rubrica de “Escola de Schopenhauer”, e vão de Julius Bahnsen e Eduard von Hartmann a Friedrich Nietzsche e Max Horkheimer¹⁵.

2. Usos *crítico-filosóficos lato sensu*, para filosofias relativas a problemas diversos, que não pretendem sustentar prioritária e propriamente uma noção de pessimismo, mas que podem ser assumidas como “pessimistas” por compartilharem alguma premissa com pessimismos em sentido estrito, como alguma versão do conceito de mal e alguma noção de dor e sofrimento – em suas muitas variáveis – na condição de seus objetos de investigação. Mesmo que não necessariamente com estatutos de positividade para esses conceitos ante à negatividade de seus opostos, e mesmo que não pretendam opor pessimismo a otimismo, esses usos poderiam ser feitos, também, para tratar de supostos pessimismos nas mais diferentes épocas, inclusive em tempos e autores para os quais o termo “pessimismo” ainda não existia, como nas Antiguidades indiana, grega, romana etc., ou em culturas e religiões milenares. Um exemplo poderia ser identificado na proposta de Olga Plümacher de que haveria um “pessimismo no Bramanismo e no Budismo”, um “pessimismo no Judaísmo”, um “pessimismo na Grécia Antiga”, e assim por diante. Ou como

¹⁴ Restrinjo-me a indicar essa proposta de tipologia de usos para o domínio da Filosofia enquanto campo do saber mais ou menos autônomo em relação a outras áreas, em especial a áreas vizinhas. Isso implica em reconhecer que outras áreas do conhecimento – da literatura, das artes, da sociologia, da teoria social e política etc. – também possam definir seus pessimismos, diferenciando-os entre críticos e acríticos.

¹⁵ Cf. Invernizzi (1994), Fazio (2009); Ciraci, Fazio, Kossler (2009).

fez o próprio Schopenhauer ao classificar religiões em “otimistas” e “pessimistas”. Mas esses usos em sentido amplo sem abrirem mão de conotações crítico-filosóficas poderiam valer, também, para diferentes apreensões do pessimismo em relação às mais diferentes questões do presente e do futuro, inclusive sobre o referido problema da impossibilidade de futuro. Nesse último caso, seríamos capazes de distinguir pelo menos um uso crítico-filosófico de pessimismo em relação a mero registros de “expectativas pessimistas” para se referir a faltas de esperanças em relação ao futuro.

3) Usos *acríticos*, para se referir ou registrar estados de ânimo, subjetivismos, baixas expectativas em relação a um evento futuro – e ao próprio futuro. O problema, aqui, não estaria em usar “estados de ânimos”, emoções, sentimentos ou sensibilidades como fontes ou matérias do pessimismo; não entenderíamos essas fontes como signos a priori de “acriticidade” do pessimismo se elas, de alguma forma, ajudarem a definir um pessimismo filosófico. Usos acrílicos do pessimismo seriam aqueles que não elaboram nada que não seja expectativa ruim ou descrença em relação a algum evento ou situação, como aquela referida prática de associar pessimismo a catástrofe pela simples ideia de que o primeiro consistiria em imaginar ou prever o “pior cenário”. Esses usos podem ser verificados sob pelo menos duas facetas complementares: (i) como desânimo e desilusão individual ou social, humor melancólico, o que em geral é dinamizado pela ideia cotidiana e banalizada de ver sempre apenas o “lado ruim” de dada situação, o lado obscuro da vida ou da existência, como diz a expressão popular “enxergar somente a metade vazia do copo”; (ii) como registro de expressões variadas de um “espírito de época”, que podem ser expressões de qualquer âmbito da cultura, incluindo a filosofia, para designar tanto um presente pesaroso e de fracassos diversos quanto a falta de esperança num futuro melhor, expectativas ruins em relação a algum evento ou, em termos sócio-políticos, em relação ao próprio futuro.

Permaneceu sempre em aberto, contudo, em que medida humor pessoal, sensibilidade individual, afetos interpessoais, episódios de desilusões sociais e efeitos gerais de depressões econômicas, por exemplo, comporiam o pessimismo como visão *filosófica* de mundo. Ou seja, em que medida expressões num primeiro momento acrílicas assegurariam parte ou elementos de pessimismos críticos *stricto* ou *lato sensu*. Por exemplo: por que a fundamentação crítica do pessimismo schopenhaueriano, que não existiria sem as noções de dor e sofrimento, não poderia pressupor – inclusive como algo que a permitiu – a sensibilidade pessoal do seu autor (do próprio Schopenhauer) às “dores do mundo”, essas dores que ele, se não

experimentou diretamente, testemunhou pessoalmente em episódios bem registrados em notas, correspondências e biografia (Cf. LÜTKEHAUS, 2007)? Certamente esse tipo de problema pressupõe uma série de outros, como o da intersecção ou sobreposição de objetividade e subjetividade em filosofia, além de considerações das sempre frutuosas convergências entre literatura e filosofia, entre psicologia e filosofia, assim como entre sabedoria popular e pensamento filosófico.

Por ora, os elementos conceituais a seguir podem colaborar para a fundamentação dessa proposta de tripla diferenciação.

Notemos, antes de tudo, que com isso ficariam em segundo plano os dois já mencionados maiores distintivos, em geral adotados como impronta característica prévia – que podem beirar a meros jargões –, para designar uma obra ou um autor como pessimista, a saber, as máximas do “pior dos mundos possíveis” e de que “a não-existência é preferível à existência”, ou de que “não-ser é melhor que ser”. Ao seguirmos o esforço filosófico de Schopenhauer, importariam menos os enunciados genéricos dessas máximas do que os conteúdos e as justificativas filosóficas a serem definidos para sustentar criticamente cada uma delas, a depender da versão da criticidade atribuída a cada pessimismo. Então, se nos situarmos na mencionada tradição ocidental moderna que se ocupou filosoficamente com o assunto, identificaremos pelo menos duas ocasiões significativas em que o problema dos usos crítico e acrítico do termo apareceu, foi elaborado, e por isso mesmo nos servem de aparato para sustentar direta ou indiretamente a nossa proposta.

i) A primeira ocasião se refere a um depoimento que expressa a compreensão do próprio Schopenhauer. Está registrada numa das (raras) três vezes em que o pensador usou o termo para se referir à sua própria filosofia, em uma carta de 15 de julho de 1855 a seu testamentário Julius Frauenstädt¹⁶. Trata-se de uma firme contestação do pensador à afirmação do neokantiano Kuno Fischer, que no volume *Leibniz* de sua *História da Filosofia Moderna* procurou explicar o otimismo do filósofo da monadologia e o pessimismo do filósofo da vontade a partir do contexto histórico-político dos tempos em que

¹⁶ As outras duas vezes em que o emprego de “pessimismo” ocorre como referência ao próprio pensamento encontram-se: (1) no fragmento póstumo 66 dos *Adversaria*, de 1828, no contexto de observações sobre Escoto Erigena e o panteísmo, em que lemos: “Mas isso pode se resumir ao fato de que o panteísmo é essencialmente otimismo; minha doutrina, porém, é *pessimismo*” (HN III, p. 463-464, grifo meu); e (2) no fragmento póstumo 49 dos *Pandectae II*, de 1833, ocasião em que filósofo analisa um comentário de Lutero sobre o livro bíblico *Aos Gálatas*, e afirma que “a passagem está bastante de acordo com o *meu pessimismo* e está em flagrante contradição com o otimismo de hoje em dia” (HN IV, p. 160, grifo meu). Portanto, Schopenhauer registra pela primeira vez o termo “pessimismo” como substantivo – e não apenas como adjetivo qualificador –, para definir sua própria filosofia como *um pessimismo* (filosófico), somente em 1828. (Cf., sobre isso, Debona, 2020, p. 141 e ss.).

cada um produziu. A reação de Schopenhauer a Fischer, registrada na carta a Frauenstädt, não poderia ser mais áspera em vista de rechaçar qualquer insinuação de que seu pessimismo devesse ser entendido em (um dos tipos de) sentido acrítico, vale dizer, nesse caso, como dependente de fatores históricos contingentes ou de época:

Incuravelmente corrompido pelo hegelianismo, [Fischer] constrói a história da filosofia de acordo com seus modelos *a priori*, e aí eu, como *pessimista*, sou a contraparte necessária de Leibniz como *otimista*; e isso decorre do fato de que Leibniz viveu em uma era esperançosa, mas eu em uma era desesperada e infeliz. *Ergo!* Então, seu eu tivesse vivido em 1700, teria sido um Leibniz bajulado e otimista — e ele seria eu, se vivesse hoje! (...). Porém, *meu pessimismo* cresceu de 1814 a 1818 (quando ele aparece por completo), que foi o período mais esperançoso após a libertação da Alemanha (SW, *Briefwechsel*, p. 393).

Frauenstädt retomou o assunto no breve artigo intitulado *Pessimismo e otimismo: Schopenhauer e Leibniz*, que publicou seis anos após a morte do mestre, em 1866: citando o trecho acima da correspondência de 1855, pondera a ideia de uma mescla possível e natural dos dois fatores – crítico e acrítico –, questionando explicitamente o crítico de Leibniz e Hegel: “Não quero negar que a forma e a cor particulares que o pessimismo assumiu em Schopenhauer são uma forma subjetivamente condicionada pela sua individualidade e por suas condições de vida. Em geral, o objetivo e o subjetivo não podem ser separados de tal forma que, mesmo a doutrina mais objetiva, não seja subjetivamente colorida” (FRAUENSTÄDT, 2022, p. 215). O próprio autor de *O mundo* teria deixado motivos para a defesa dessa objetividade apenas parcial na medida em que para ele, por exemplo, a inevitável melancolia de todos os espíritos altamente dotados, dos genuínos gênios, motivam suas tendências ao pessimismo: “Quase se quis concluir, a partir do otimismo de Leibniz, que ele não era nenhum gênio” (*ibidem*).

De qualquer modo, a parte objetiva de seu pessimismo estaria implícita no pressuposto de que “(...) o otimismo faz uma figura tão estranha neste palco de pecado, de sofrimento e de morte, que se teria de tomá-lo como uma ironia” (SCHOPENHAUER, W II, p. 695). Para argumentar, Schopenhauer elenca uma espécie de glossário de males do mundo que já foram tratados com seus estatutos *positivos* em diversas outras ocasiões, ao longo de toda a organicidade da sua metafísica da vontade – como, por exemplo, no § 16 de *Sobre o fundamento da moral*, sobre as motivações antimorais. A continuidade do conteúdo objetivo ou crítico de seu pessimismo

seria, então, em termos mais abrangentes, a própria patodiceia que opõe à teodiceia leibniziana: este só poderia ser “o pior dos mundos possíveis”, entendendo por “possível” aquilo que, no limite, pode subsistir; pois se fosse um pouquinho pior, se, por exemplo, os planetas não se mostrassem organizados de tal modo que se chocassem, já não substituiria. Pessimismo filosófico, em princípio, seria filosofia ocupada em contestar os conceitos basilares de qualquer otimismo (filosófico), e dentre esses conceitos basilares está o conceito de bem como positivo, sendo o mal apenas privação de bem ou negação dele, tal como o frio seria apenas ausência de calor. Isto é, pessimismo seria, *prima facie*, uma filosofia que assume a positividade do mal e de todos os seus sinônimos, em oposição crítica frontal a todas as filosofias que partem do pressuposto inverso.

Se, aliás, alguém se valesse desse reconhecimento de uma tal disposição planetária e global para acusar um suposto conformismo em se considerar que o mundo dá conta de si – conformismo que dificultaria as referidas funções críticas –, então a face essencialmente moral desse mesmo conteúdo impediria a acusação fácil: o elogio ao *Cândido* de Voltaire é, sobretudo no Tomo II da obra magna, justificado basicamente por ter escancarado a falha desculpa leibniziana para os males do mundo, isto é, de que *o mal às vezes produz o bem*. Em termos próprios, otimismo não significaria outra coisa senão o injustificado autoelogio da vontade de vida, devido ao que não seria apenas falso, mas também pernicioso, “pois nos apresenta a vida como um estado desejável, e a felicidade do ser humano como a meta do mundo” (SCHOPENHAUER, W II, p. 697). Pessimismo crítico-filosófico, em suma, significa pessimismo crítico do otimismo metafísico e de suas premissas.

O que pretendo frisar está em sintonia primária com o que Rudolf Malter elaborou. Ele mostrou que o pessimismo (schopenhaueriano) é um *conceito crítico* na medida em que: (1) é crítica do otimismo e do eudemonismo, dado que “é uma das maneiras por meio da qual a razão reflexiva se volta à experiência da dor”, diferenciando-se de uma “outra maneira, que pode ser designada, de um lado, como eudemonismo e, de outro, como otimismo” (MALTER, 2009, p. 625); (2) expressa o modo exato e verdadeiro de conceitualização racional dessa experiência da dor e do sofrimento, enquanto os outros dois termos (eudemonismo e otimismo) expressam a maneira falsa, na medida em que não reconhecem como positiva, ou seja, independente, a “dor da existência”, enquanto forma efetiva da existência, e, ao invés disso, entendem esse como apenas *aparente e acidentalmente* um mundo de sofrimento. Com isso, as principais funções (críticas) do pessimismo estariam garantidas ao

mesmo tempo em que seriam funções corretivas: a busca pela felicidade é um “erro inato” e a transformação – pela razão, ao refletir sobre a dor da existência – da realidade empírica em uma “totalidade transcendente” – em forma de teodiceia, como faz o otimismo – seria uma perversidade grotesca.

Assim, não obstante as muitas e significativas diferenças entre seu pessimismo em relação àqueles desenvolvidos posteriormente, como adaptações de sua metafísica da vontade, como os de Hartmann, Bahnsen, Mainländer etc., na letra de Schopenhauer um pessimismo candidato a filosófico e crítico teria de assumir as seguintes premissas: (i) o mal e seus sinônimos – como a dor, o sofrimento, a morte e a culpa – como positivos, e não como meras defecções do bem; (ii) o mundo e os sofrimentos como sem fundamento (*grundlos*), sem finalidade e injustificados, inclusive com a impossibilidade de justificá-los quando para o alcance do bem em forma de felicidade ou qualquer outra expressão. Pessimismo crítico ou pessimismo crítico-filosófico *stricto sensu* assim compreendido pouco teria a ver, portanto, com *Stimmung* pessoal ou *Zeitgeist* social, expectativas ruins sobre o futuro, nem *dependencia* – embora possa tratar também – de condições históricas desfavoráveis ou desesperançosas.

ii) Outra ocasião significativa em que o problema dos usos críticos e acrítricos do termo pessimismo foi pautado se deu em meio ao referido maior debate público já ocorrido sobre – filosofias do – pessimismo, registrado basicamente na Alemanha entre 1860 e 1890. Movendo-se a partir de Schopenhauer e modificando-o em muitos pressupostos, a série de autores acima mencionada disputou, em especial com a escola dos neokantianos daquela época, argumentos sobre a positividade ou negatividade do bem e do mal, sobre o sentido e o valor da vida. Mas o atestado de que essas e muitas outras teses filosóficas em sentido estrito (sobretudo em conotação schopenhaueriana ou hartmanniana) não bastaram para estancar a pecha do pessimismo como estado de humor ou espírito de época foi fornecido pelos adversários: mesmo diante da expressiva e monumental produção filosófica em torno de *A filosofia do inconsciente*, de Hartmann, e sua estridente recepção, um grupo de neokantianos, formado, dentre outros, pelo já citado Kuno Fischer, por Eugen Dühring e por Jürgen Bona Meyer, insistiu até o fim que as origens desse profícuo e altamente produtivo debate estariam numa mera questão de *Zeitgeist*, em *pathos* pessoais e hipersensibilidades dos autores às dores do mundo; e, em termos históricos, em uma causa significativamente remota, de um evento ocorrido quase três décadas antes: o fracasso da revolução de 1848 e as desilusões generalizadas que se desdobraram dela nas décadas posteriores.

Para Olga Plümacher, que com Agnes Taubert formou a trincheira feminina no contra-ataque aos críticos do pessimismo hartmanniano, elaborar um pessimismo filosófico requereria elaborá-lo objetivamente, entendendo-se por objetivo, aqui, justamente a independência das formulações filosóficas em relação a humores pessoais e de *Zeitgeist*, o que permitiria definir pessimismo como “o juízo axiológico segundo o qual a soma de desprazeres supera a soma de prazeres; e, por conseguinte, o não-ser do mundo seria melhor que o seu ser” (PLÜMACHER, 1884, p. 39). Mesmo se essa definição expressa mais a marca registrada do pessimismo eudemonológico de Hartmann, defensor de um cálculo algébrico na balança condenatória do ser em geral, Plümacher opõe a categoria de pessimismo crítico-filosófico a duas facetas complementares de seu uso pelo público leigo: ao *Weltschmerz* e ao *Entrüstungspessimismus* (pessimismo da indignação), compreendidas como etapas preliminares e posteriores do pessimismo filosófico. De forma resumida, um *Weltschmerz* não poderia ser filosófico por ser “lírico-poético”: “é um pessimismo em que o próprio Eu se eleva como epicentro do mundo e, como tal, lamenta ou experimenta sua própria calamidade como miséria universal (...)” (PLÜMACHER, 1884, p. 33). Já um *Entrüstungspessimismus*, curiosamente especificado pela autora como “indignação pessimista do socialismo” (PLÜMACHER, 1884, p. 46), não seria “filosófico” porque

pressupõe um otimismo fora de sua esfera, e por isso mesmo o porta, uma vez que só pode indignar-se em relação àquilo que se considera relativamente ocasional e arbitrário, e por isso corrigível, como expressa nitidamente a *indignação pessimista da socialdemocracia*. Por isso é materialmente otimista, dado que atribui positividade ao bem material e ao valor eudemônico, sendo um otimismo antropológico (...). O pessimista indignado se limita a um complexo de sintomas miseráveis do mundo e porque ele poderia superar esses únicos momentos individuais em um tempo limitado e num espaço concreto, acredita que todo o conjunto [da sociedade] poderia superá-los a longo prazo, indignando-se ao notar que isso não ocorre (PLÜMACHER, 1884, p. 46-47, grifos meus).

Ora, não precisaríamos concordar com todas as premissas do que seria um pessimismo *crítico* para Schopenhauer e para Plümacher para considerarmos alguns elementos fundamentais do que seria um pessimismo *acrítico*. As recusas cabais desses pensadores – elaboradas de diferentes modos – de componentes histórico-sociais e políticos como conteúdos materiais prejudiciais ou até comprometedores da criticidade do pessimismo não impedem de aproveitarmos outra recusa em relação a outros elementos

acríticos: aquela recusa referente a “expectativas ruins” sobre o futuro e, no caso de Schopenhauer, referente a imobilismo social, pechas que o termo “pessimismo” foi atraindo para si ao longo do tempo. Em termos críticos, mais uma vez, a colaboração de um pessimismo para pensarmos os mais diversos males, históricos ou atuais, nem deveria se referir tanto ao futuro, como em geral pressupõe um pessimismo *acrítico*, mas muito mais ao presente e ao passado: de fato, o caráter a-histórico schopenhaueriano está calcado em sua concepção metafísica de um *nunc stans*, de um presente contínuo. O pessimismo crítico denunciaria que o futuro, que sempre será diferente apenas na aparência se conseguir superar as mazelas do presente, não anulará os males pregressos nem justificará os atuais.

Porém, a premissa de que a vontade como essência irracional do mundo permite entender todo desenvolvimento histórico como apenas aparente não leva necessariamente à defesa do *status quo*. Aqui residiria uma variável (que não desenvolveremos neste artigo) da mesma referida criticidade do pessimismo de tipo schopenhaueriano: libertá-lo de seus reducionismos acríticos permitira usá-lo como ferramenta de denúncia de males sociais, em leituras não-conformistas e anti-quietistas, como aquelas vislumbradas por Horkheimer (2018, 2025), por Lütkehaus (2007) e pela chamada “esquerda schopenhaueriana”. Os elogios à resignação individual mediante o raro ascetismo de grandes almas não ocupam mais espaço na obra de Schopenhauer do que a contínua denúncia dos multifacetados males positivos; e é relativo o fato de se tratarem de males individuais, sociais ou globais. Por aí é que se mostraria outra faceta da força crítica do pessimismo, certamente muito mais schopenhaueriano do que plümacheriano ou hartmanniano, pois, então, seria sinônimo de resistência e de não-conformismo. Certamente muitos dos grandes problemas atuais da humanidade poderiam se beneficiar dele, assumindo-o como aliado, pois foi isso que viram alguns pensadores da teoria crítica da sociedade, em especial Max Horkheimer, Heinz Maus e Alfred Schmidt.

Pelos reconhecimentos dessas faces críticas – que então poderiam ser entendidas também como não resignadas e anti-conformistas – do pessimismo, conseguimos reconhecer que quando os diferentes sentidos do termo “pessimismo” são empregados de forma monossêmica, perdemos ou fazemos um mau proveito da sua força crítica. Pior ainda são os casos de *quando se emprega o termo em sentido acrítico como se fosse crítico*, isto é, quando se usa uma acepção acrítica para tratar de um problema que exige considerá-lo criticamente. Para esses casos, seria produtivo se começássemos, pelo menos em Filosofia, a especificarmos um adjetivo para podermos empregar

pessimismo, esse substantivo tão banalizado e reduzido. Isso Schopenhauer parece ter recomendado indiretamente ao se incomodar com a explicação estritamente subjetivista de Kuno Fischer, que praticou, numa obra de História da Filosofia, um flagrante uso acrítico para tratar da criticidade de uma sistematização filosófica do pessimismo.

Se nutrimos interesse crítico-filosófico pelo pessimismo, seria imprescindível dispersarmos cuidado às suas semânticas, às origens de sua *sustentação filosófica* e às mais diversas fundamentações que foi recebendo ao longo da história. Do contrário, a possibilidade de seus usos em Filosofia confundirem e prejudicarem argumentos e teses os mais variados pode ser maior do que a possibilidade de ajudarem. Uma filosofia pode ser facilmente classificada como *pessimista* sem que, pelo menos se considerados os elementos aqui destacados, exiba qualquer relação com *pessimismo* enquanto uma filosofia, ou com algum tipo de pessimismo filosoficamente justificado.

Referências

BEISER, F. *Weltschmerz*: Pessimism in German Philosophy, 1860-1900. Oxford: Oxford University Press, 2016.

BENATAR, D. *Better never to have been: the harm of coming to existence*. New York: Oxford University Press, 2006.

DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: caráter, ação e sabedoria de vida em Schopenhauer*. São Paulo: Loyola, 2020. (Coleção Leituras Filosóficas).

_____. “Productive Pessimism: Towards a (Re)definition of Critical Pessimism”. In: *Veritas*, Porto Alegre, v. 70, n. 1, jan.-dez. 2025, e-46921.

DIENSTAG, J. F. “Pessimism”. In: GIBBONS, M. T. (Ed.). *The Encyclopedia of Political Thought*. Wiley Online Library, 2014. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118474396.wbept0762>.

Acesso em: 23 jul. 2025.

DOSSENA, L. F. “O mal da morte no pessimismo: considerações a partir de Arthur Schopenhauer e David Benatar”. In: *Kínesis*, Marília, v. 15, n. 39, 2023, p. 152-166.

CAMBRIDGE DICTIONARY (online), 2024. *Anti-natalism*. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/anti-natalism>. Acesso em: 29 out. 2025.

- FAZIO, D. M., KOSSLER, M., LÜTKEHAUS, L. *Arthur Schopenhauer e la sua scuola*. Lecce: Pensa MultiMedia, 2007, pp. 15-34.
- FAZIO, D. M. “La scuola di Schopenhauer. I contesti”. In: CENTRO INTERDIPARTIMENTALE DI RICERCA SU A. SCHOPENHAUER E LA SUA SCUOLA (a cura di). *La scuola di Schopenhauer: Testi e contesti*. Lecce: Pensa MultiMedia, 2009, pp. 16-216.
- FRAUENSTADT, J. (1866). Optimismus und Pessimismus. Leibniz und Schopenhauer, *Deutsches Museum. Zeitschrift für Literatur, Kunst und öffentliches Leben*, 48, p. 673-682. Trad. esp. de Jesús Carlos Hernández Moreno. Optimismo y pessimismo. Leibniz y Schopenhauer. *Cuadernos de Pesimismo*, México, n. 1, p. 214-221, 2022.
- FREITAS, M. S. *Razões do pessimismo: estudos para uma interpretação geral do pessimismo filosófico à luz de Schopenhauer, Eduard von Hartmann e Matias Aires*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2024.
- GÁMEZ, H. W. “Introducción”. In: PLÜMACHER, O. *El pessimismo en el budismo y otras religiones*. Trad. H. W. Gámez. Madrid: Sequitur, 2023, p. 19-38.
- GIACOA JR., O. “Abismos da perversidade humana”. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 9, n. 2, 2018, p. 16-34.
- HARTMANN, E. von. *Zur Geschichte und Begründung des Pessimismus*. Berlin: Carl Duncker’s Verlag, 1880.
- _____. von. *Philosophie des Unbewussten*. 10a ed. Leipzig: Wilhelm Friedrich Verlag, 1900.
- HORKHEIMER, M. *Gesammelte Schriften: Vorträge und Aufzeichnungen 1949-1973*. Bd. 7. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1985.
- _____. “A atualidade de Schopenhauer”. Trad. Lucas Lazarini Valente. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, vol. 9, n. 2, jul.-dez. 2018, pp. 190-208.
- _____. “Pessimismo hoje”. Trad. Vilmar Debona. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria - Florianópolis, vol. 16, n. 1, e92576, 2025.
- INVERNIZZI, G. *Il pessimismo tedesco dell’ottocento: Schopenhauer, Hartmann, Babnsen, e Mainländer e i loro avversari*. Milano: La Nuova Italia editrice, 1994.
- LICHTENBERG, G. C. *Schriften und Briefe*. Bd. 1. München: Carl Hanser Verlag, 1994.
- LÜTKEHAUS, L. “Ist der Pessimismus ein Quietismus? Überlegungen zu einer Praxisphilosophie des Als-Ob”. In: HÜHN, L. *Die Ethik Arthur Schopenhauers im Ausgang vom deutschen Idealismus (Fichte/Schelling)*. Würzburg: Ergon, 2006, pp. 225-238.

- _____. “Esiste una sinistra schopenhaueriana? Ovvero: il pessimismo è un quietismo?” In: CIRACÌ, F.; FAZIO, D. M.; PEDROCCHI, F. (a cura di). *Arthur Schopenhauer e la sua scuola*. Lecce: Pensa Multimedia, 2007. p. 15-34.
- _____. *Metaphysischer Pessimismus und „soziale Frage“*. Bonn: Bouvier V. H. Grundmann, 1980.
- MALTER, R. “Il pessimismo: un concetto critico”. Trad. Domenico M. Fazio. In: CENTRO INTERDIPARTIMENTALE DI RICERCA SU ARTHUR SCHOPENHAUER E LA SUA SCUOLA (a cura del). *La scuola di Schopenhauer: testi e contesti*. Lecce: Pensa MultiMedia, 2009. p. 624-635.
- OLIVEIRA, A. M. G. “O antinatalismo benatariano e o pessimismo metafísico de Schopenhauer”. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria - Florianópolis, v. 15, n. 1, e88376, p. 01-27, 2024.
- PITTA, M. F.; WEBER, J. F. “Apresentação – Dossiê Catástrofe”. In: *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, vol. 14, n. 2, 2024, e87398.
- PLÜMACHER, O. Pessimism. *Mind*, [s. l.], n. 4, p. 68-89, 1879.
- _____. *Der Pessimismus in Vergangenheit und Gegenwart: Geschichtliches und Kritisches*. Heidelberg: Georg Weiss, 1884.
- POST, W. *Kritische Theorie und metaphysischer Pessimismus*. Zum Spätwerk Max Horkheimers. München: Kösel-Verlag, 1971.
- VAN DER LUGT, M. *Dark Matters: Pessimism and the Problem of Suffering*. Princeton: Princeton University Press, 2021.
- VON WILPERT, G. *Sachwörterbuch der Literatur*. 5. Auf. Stuttgart: Alfred Kröner Verlag, 1969.
- RITTER, J. *Historische Wörterbuch der Philosophie*, Bd. 7. Schwabe Verlag (Online).
- SÁNCHEZ, H. E. *Schopenhauer y la disputa del pessimismo en la segunda mitad del siglo XIX en Alemania*. Tesis Doctoral. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2017.
- SCHMIDT, A. *Schopenhauer e o materialismo*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Clandestina, 2021.
- SCHMITT, M. *Spectres of Pessimism: A Cultural Logic of the Worst*. Cham: Palgrave Macmillan, 2023.
- SCHOPENHAUER, A. *Sämtliche Werke*. Hrsg. von Paul Deussen. 16 Bdn. München: Piper Verlag, 1911-1941. In: “SCHOPENHAUER im Kontext III” – Werke, Vorlesungen, Nachlass und Briefwechsel auf CD-ROM (Release 1), 2008. (SW).
- _____. *Sobre o fundamento da moral*. Trad. Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo I. Trad. Jair

Barboza. São Paulo: Unesp, 2005. (W I)

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tomo II. Trad. Jair

Barboza. São Paulo: Unesp, 2015. (W II)

TAUBERT, A. *Der Pessimismus und seine Gegner*. Berlin: Carl Duncker's, 1873.

Email: debonavilmar@gmail.com

Recebido: 11/2025

Aprovado: 01/2026